RADIOFONIAS
REVISTA DE ESTUDOS DE RÁDIO E MÍDIA SONORA

antiga Rádio-Leituras | ISSN 2675-8067

A construção sonora do acontecimento: voz, música, efeito sonoro e silêncio no podcast jornalístico

The sonic construction of the event: voice, music, sound effects and silence in journalistic podcasts

La construcción sonora del acontecimiento: voz, música, efectos sonoros y silencio en el podcast periodístico

Kelly De Conti Rodrigues

Resumo

O artigo investiga o papel dos regimes sonoros na construção do acontecimento em podcasts jornalísticos narrativos. Com base nos estudos das mídias sonoras e no conceito de paisagem sonora, propõe-se compreender a escuta como prática cultural e historicamente situada. A análise empírica toma como corpus a série Neymar, do UOL, com foco em seu primeiro episódio, buscando identificar como diferentes camadas acústicas – voz, música, efeitos sonoros e silêncio – articulam-se na produção de sentido. Os resultados evidenciam que esses elementos atuam como operadores narrativos que estruturam a experiência de escuta, orientam regimes interpretativos e participam da construção e estabilização do acontecimento jornalístico.

Palavras-chave: podcast jornalístico; paisagem sonora; regimes de escuta; narrativa sonora; acontecimento.

>> Informações adicionais: artigo submetido em: 16/05/2026 aceito em: 14/09/2026.

>> Como citar este texto:
RODRIGUES, Kelly de Conti. A construção sonora do acontecimento: voz, música, efeito sonoro e silêncio no podcast jornalístico. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 17, n. 01, p. 152-185, jan./abr. 2026.

Sobre a autora

Kelly De Conti Rodrigues
kelly.conti@unesp.br
https://orcid.org/0000-0001-9823-3010

Doutora pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (FAAC-UNESP). Mestre em Comunicação e graduada em Jornalismo pela mesma universidade

Abstract
This article investigates the role of sonic regimes in the construction of events in narrative journalistic podcasts. Drawing on sound media studies and the concept of soundscape, it proposes to understand listening as a culturally and historically situated practice. The empirical analysis focuses on the podcast series Neymar, produced by UOL, with emphasis on its first episode, aiming to identify how different acoustic layers – voice, music, sound effects and silence – articulate in the production of meaning. The results show that these elements act as narrative operators that structure the listening experience, guide interpretive regimes, and participate in the construction and stabilization of journalistic events.

Keywords: journalistic podcast; soundscape; listening regimes; sonic narrative; event.

Resumen
El artículo investiga el papel de los regímenes sonoros en la construcción del acontecimiento en podcasts periodísticos narrativos. A partir de los estudios de medios sonoros y del concepto de paisaje sonoro, se propone comprender la escucha como una práctica cultural e históricamente situada. El análisis empírico toma como corpus la serie Neymar, producida por UOL, con foco en su primer episodio, con el objetivo de identificar cómo diferentes capas acústicas – voz, música, efectos sonoros y silencio – se articulan en la producción de sentido. Los resultados evidencian que estos elementos actúan como operadores narrativos que estructuran la experiencia de escucha, orientan regímenes interpretativos y participan en la construcción y estabilización del acontecimiento periodístico.

Palabras clave: podcast periodístico; paisaje sonoro; regímenes de escucha; narrativa sonora; acontecimiento.

Introdução

Nas tradições intelectuais do Ocidente, a visão foi frequentemente associada ao conhecimento, à razão e à verdade. A própria metáfora do Iluminismo remete à ideia de lançar luz sobre o mundo, iluminando aquilo que antes estava obscurecido. Ver significaria, assim, compreender; tornar visível seria

tornar racional e verdadeiro. Esse imaginário atravessa diferentes campos do pensamento moderno e se manifesta também nas formas pelas quais as mídias são frequentemente compreendidas.

No campo do jornalismo, por exemplo, a emergência da televisão foi, muitas vezes, celebrada como um avanço em relação às mídias anteriores em função de sua capacidade de mostrar visualmente os acontecimentos. A imagem em movimento produziria uma sensação de presença, colocando o espectador diante do evento e oferecendo uma suposta transparência do real. A possibilidade de "ver com os próprios olhos" foi, frequentemente, associada a uma ideia de maior precisão e autenticidade na narrativa jornalística. Essa concepção, entretanto, ignora que as imagens também são resultado de operações de construção narrativa. Ângulos de câmera, enquadramentos, iluminação, montagem e seleção de planos participam ativamente da produção de sentido. O que se apresenta como evidência visual é sempre atravessado por escolhas técnicas e discursivas que organizam a percepção do acontecimento.

Nos estudos de mídia e cultura, esse privilégio da visão passa a ser amplamente problematizado. Como observa Sterne (2020), a filosofia moderna frequentemente mobilizou metáforas visuais para simbolizar a razão e a verdade, contribuindo para consolidar a ideia de que a modernidade teria privilegiado a visão em detrimento de outros sentidos. Contudo, essa narrativa subjugaria o papel central desempenhado pelo som e pela escuta na organização das práticas culturais e comunicacionais.

No campo das mídias sonoras, a produção de sentido também se constrói por meio de configurações sensoriais específicas. Voz, trilhas, pausas, efeitos e dinâmicas acústicas diversas participam da organização da narrativa e orientam a forma como os acontecimentos são percebidos pelo público. No caso do podcast jornalístico, essas dimensões assumem papel particularmente relevante, uma vez que a experiência do acontecimento é mediada fundamentalmente pela escuta.

Assim, se a crítica ao "visualismo" já evidenciou que as imagens não são transparentes, torna-se igualmente necessário reconhecer que os sons também

participam da construção do acontecimento jornalístico. Nas narrativas em áudio, a configuração sonora não funciona apenas como suporte expressivo, mas como parte constitutiva das operações que organizam a percepção do evento narrado.

Partindo desse contexto, investigamos, neste artigo, o papel dos regimes sonoros na construção do acontecimento no podcast jornalístico. Acreditamos que a articulação entre trilhas musicais, modulações vocais, pausas e efeitos sonoros participa tanto do enquadramento quanto da estabilização memorial do acontecimento, orientando regimes de escuta e produzindo atmosferas narrativas que contribuem para a interpretação pública dos eventos.

Antes de avançarmos para a discussão sobre as paisagens sonoras, aliás, é necessário explicitar o que compreendemos por acontecimento jornalístico. Neste trabalho, partimos da perspectiva de que o acontecimento não corresponde ao fato em si, nem representa uma realidade objetiva simplesmente transportada para a narrativa. Como observa Charaudeau (2015), o acontecimento bruto somente se torna notícia após um conjunto de operações discursivas por meio das quais a instância midiática interpreta, organiza e apresenta o mundo ao público. Trata-se, portanto, de um processo de construção no qual seleção, enquadramento, hierarquização e formas de narrar participam da produção de sentidos.

Essa compreensão desloca o olhar da ideia de representação transparente da realidade para as condições discursivas pelas quais determinados fatos passam a adquirir visibilidade e inteligibilidade pública. Essa perspectiva fundamenta o fato de que o jornalismo não apenas relata acontecimentos, mas participa de sua (re)construção ao produzir modos específicos de compreender personagens, temporalidades e relações sociais.

Da mesma forma, Quéré (2005) argumenta que o acontecimento adquire existência pública na medida em que é interpretado, narrado e inserido em redes de significação que permitem compreender suas causas, consequências e implicações sociais. Assim, o acontecimento jornalístico pode ser entendido como

resultado de um conjunto de operações narrativas e discursivas que tornam determinados fatos socialmente reconhecíveis e compartilháveis.

É precisamente nesse ponto que se insere a contribuição deste artigo. Se a construção do acontecimento depende das formas de narrar, torna-se necessário observar também os recursos expressivos que organizam essa narrativa. No caso dos podcasts jornalísticos, essa construção ocorre fundamentalmente por meio da escuta. Vozes, trilhas musicais, efeitos sonoros e silêncios não funcionam apenas como recursos estéticos ou de ambientação; eles participam da organização da experiência narrativa, orientam a atenção do ouvinte, modulam afetos e estabilizam determinadas interpretações sobre os acontecimentos apresentados.

Em outras palavras, defendemos que a paisagem sonora constitui uma dimensão constitutiva da construção do acontecimento jornalístico, uma vez que interfere diretamente na maneira como o público percebe, interpreta e atribui sentido aos eventos narrados. É sob essa perspectiva que analisamos, neste trabalho, como a articulação entre voz, música, efeitos sonoros e silêncio participa da produção de regimes de escuta e da construção narrativa.

Observaremos empiricamente essas dinâmicas a partir da análise da série *Neymar*, podcast jornalístico narrativo produzido pelo portal UOL, cuja narrativa se centra na construção de personagens públicos. Embora tenhamos realizado a escuta de todo o conjunto dos episódios, optamos por apresentar, neste artigo, exemplos detalhados a partir do primeiro episódio. Essa escolha se justifica por razões de organização analítica, funcionando como recorte que permite evidenciar, de forma mais clara, como a configuração sonora participa da apresentação e da estabilização de acontecimentos associados a figuras públicas, bem como da constituição de regimes de escuta e de interpretação.

A percepção das paisagens sonoras

A problematização do primado da visão abre espaço para considerar o papel das práticas de escuta na organização da experiência comunicacional. A

história das mídias sonoras demonstra que ouvir constitui um processo fisiológico que também abarca uma prática cultural e socialmente estruturada. Como argumenta Sterne (2020), as tecnologias de reprodução sonora ampliaram a circulação dos sons tanto quanto transformaram profundamente as formas de ouvir. A emergência de dispositivos como o telefone, o fonógrafo e o rádio esteve associada a mudanças mais amplas nas práticas culturais da escuta e nas maneiras pelas quais o som passou a ser compreendido, registrado e reproduzido na modernidade.

Contudo, atribuir tais transformações exclusivamente à tecnologia seria reducionista, uma vez que os dispositivos de reprodução sonora são também produto de condições sociais, culturais e históricas que moldam suas formas e usos, como podemos notar em Sterne (2020).

> Por que, então, as tecnologias de reprodução do som emergiram em determinada época, e não em outra? Que precedentes as tornaram possíveis, desejáveis, efetivas e significativas? Que contexto as favoreceu? Como e por que as tecnologias de reprodução sonora assumiram determinadas formas e funções tecnológicas e culturais? Para responder a estas questões, deixamos de considerar possibilidades simplesmente mecânicas para adentrar o mundo social e cultural em que tais tecnologias emergiram (Sterne, 2020, p. 2).

Essas considerações indicam que as tecnologias sonoras não apenas introduzem novos dispositivos técnicos, mas também participam da reorganização das próprias práticas de escuta. Nesse sentido, devemos entender a escuta também como uma prática historicamente construída. Dessa forma, as tecnologias sonoras reorganizam a relação entre som, espaço e tempo, permitindo que vozes e acontecimentos atravessem distâncias e sejam reiterados em diferentes contextos de circulação; ao mesmo tempo, essas tecnologias contribuem para estabelecer novos regimes de atenção e novas formas de organização da experiência auditiva.

Essa perspectiva aproxima-se das discussões desenvolvidas por Schafer (2012) ao propor o conceito de paisagem sonora. Essas discussões são particularmente relevantes para compreender as mídias baseadas na escuta, entre

elas o rádio e, mais recentemente, o podcast. Para o autor, o ambiente acústico constitui um campo dinâmico de significação, no qual diferentes sons convivem e produzem efeitos na percepção e no comportamento dos indivíduos. A paisagem sonora não corresponde apenas ao conjunto físico de sons presentes em determinado ambiente, mas à maneira como esses sons são percebidos, interpretados e organizados culturalmente. Escutar, nesse sentido, envolve reconhecer padrões sonoros, distinguir elementos relevantes e atribuir significados às diferentes camadas acústicas que compõem o ambiente.

Vejamos um exemplo. Além da atribuição de significados culturais, os sons também participam diretamente da organização material das práticas sociais e corporais. Em diferentes contextos históricos, a escuta atuou como elemento de coordenação coletiva do trabalho, regulando ritmos, sincronizando movimentos e estruturando experiências compartilhadas no tempo. Um caso particularmente significativo encontra-se nas chamadas *work songs*, canções de trabalho presentes em atividades como navegação marítima, colheitas, corte de madeira e trabalhos forçados em plantações e prisões (Gioia, 2006). Nessas práticas, o canto coletivo não possuía apenas função estética ou recreativa, mas operava como mecanismo de sincronização física das tarefas, permitindo que grupos realizassem esforços coordenados de maneira mais eficiente.

Em muitas dessas canções, o ritmo organizava precisamente o momento do esforço corporal coletivo. Nos chamados *sea shanties*, por exemplo, utilizados por marinheiros durante o manejo de velas, cordas e âncoras, determinadas sílabas ou refrões coincidiam com o instante exato em que os trabalhadores deveriam puxar os cabos simultaneamente (Gioia, 2006). De maneira semelhante, registros históricos de canções de trabalho afro-americanas em plantações e prisões demonstram como o ritmo musical era articulado ao movimento repetitivo de ferramentas, como machados e marretas, sincronizando os gestos corporais dos trabalhadores.

Contudo, tais práticas revelam também uma dimensão ambivalente do som nas relações sociais. Se, por um lado, o canto coletivo podia funcionar como

instrumento de organização e intensificação do trabalho – dessa forma, integrando mecanismos de disciplina corporal e produtividade –, por outro, constituía igualmente espaço de sociabilidade, solidariedade e sobrevivência simbólica entre indivíduos submetidos a condições extremas de exploração.

Estudos sobre as tradições musicais afro-diaspóricas demonstram que essas canções frequentemente operavam como formas de preservação cultural, compartilhamento emocional e resistência cotidiana, permitindo a manutenção de vínculos coletivos em contextos marcados pela violência e pela desumanização. Como observa Ted Gioia (2006, p. 230), esse tipo de música de trabalho "destacava-se por sua capacidade de organizar indivíduos em grupos. Ambos os tipos de canção tratavam da sobrevivência diante da adversidade e de contribuir para melhorar a qualidade de vida dos trabalhadores". Essa dimensão evidencia que a paisagem sonora atua na produção de atmosferas perceptivas, mas também na organização dos ritmos sociais, dos corpos e das experiências coletivas de escuta.

> Certamente, as canções do movimento trabalhista serviam para protestar contra as condições de trabalho, mas faziam muito mais do que apenas expressar reivindicações. Elas reuniam indivíduos em torno de uma causa comum e conquistavam adeptos entre os indecisos por meio da força contagiante da música. Também borravam as fronteiras entre política e arte e, desse modo, alcançavam pessoas e lugares onde métodos mais convencionais de mobilização talvez fracassassem. Quando utilizadas de maneira eficaz, conseguiam estimular reformas concretas. Mas, mesmo quando falhavam nesse objetivo mais amplo, as canções ainda cumpriam uma função. Em uma época em que muitos jornais e canais oficiais de comunicação tendiam a excluir os pontos de vista da classe trabalhadora, tais canções desempenhavam um papel vital na descrição e interpretação dos acontecimentos. Elas ofereciam, em essência, uma fonte alternativa de informação, um tipo distinto de registro histórico. E, em um período em que muitos trabalhadores eram analfabetos, talvez funcionassem não apenas como um meio alternativo, mas como o método preferencial de disseminação de ideias (Gioia, 2006, p. 230).

Voltando à abordagem de Schafer (2012), o autor sugere que os ambientes sonoros podem ser analisados de modo semelhante às paisagens visuais. Da mesma forma como uma paisagem geográfica apresenta elementos estruturais que organizam sua percepção, a paisagem sonora também possui componentes

que orientam a experiência auditiva, como vimos no exemplo anterior. O autor identifica, nesse contexto, diferentes tipos de sons que estruturam o ambiente acústico, entre eles os sons fundamentais, os sinais sonoros e as marcas sonoras.

Os sons fundamentais correspondem aos sons de fundo que caracterizam determinado ambiente e que, embora nem sempre sejam percebidos conscientemente, influenciam profundamente a experiência auditiva dos indivíduos. Tais sons derivam frequentemente de elementos naturais ou estruturais do espaço, como o vento, a água ou o ruído constante de determinadas atividades humanas. No campo do jornalismo sonoro, esses sons podem ser observados, por exemplo, em situações nas quais a ambiência acústica contribui para situar o ouvinte em determinado contexto narrativo. Um exemplo ocorre em boletins de trânsito transmitidos por emissoras de rádio, nos quais sons de carros em movimento, buzinas ou o ruído constante do fluxo viário aparecem ao fundo da narração, compondo uma paisagem sonora que reforça a ideia de mobilidade urbana e situa a informação no espaço da cidade.

Já os sinais sonoros são aqueles que se destacam do fundo acústico e que são percebidos de maneira mais consciente pelos ouvintes. Em geral, tratam-se de sons associados a funções comunicativas ou de alerta, como sinos, buzinas, sirenes ou apitos. Diferentemente dos sons fundamentais, os sinais são projetados para chamar a atenção e transmitir informações específicas dentro de determinado contexto. Nas mídias sonoras, esses sinais frequentemente assumem a forma de elementos que organizam a estrutura da programação e orientam a atenção do público. Vinhetas de abertura e encerramento de programas, trilhas utilizadas na passagem entre quadros, efeitos sonoros que marcam mudanças de assunto ou mesmo toques característicos que anunciam boletins informativos podem ser compreendidos como sinais sonoros. Esses recursos destacam-se da paisagem sonora geral da transmissão e funcionam como marcadores acústicos que indicam ao ouvinte mudanças na narrativa ou na estrutura do conteúdo apresentado.

Já as marcas sonoras correspondem a sons que possuem um significado particular para uma comunidade e que se tornam parte da identidade acústica de determinado lugar. Esses sons são reconhecidos coletivamente e podem adquirir valor simbólico para os grupos que os escutam. Por essa razão, Schafer (2012) argumenta pela preservação das marcas sonoras, pois constituem elementos que singularizam a experiência acústica de um espaço e contribuem para a memória sonora das comunidades. No campo das mídias, observamos fenômenos semelhantes na constituição de identidades sonoras associadas a determinados veículos ou formatos jornalísticos. Certos sons tornam-se imediatamente reconhecíveis pelo público e passam a funcionar como marcadores de identificação de programas ou emissoras.

Um exemplo no contexto brasileiro é a vinheta utilizada nos boletins de urgência da TV Globo, conhecida como “plantão da Globo”. A sequência sonora, marcada por uma melodia tensa e repetitiva, tornou-se amplamente reconhecida pelos espectadores e passou a ser associada à ideia de acontecimentos de grande relevância ou ruptura na programação regular. Esse exemplo evidencia como determinadas sequências sonoras podem funcionar como marcas sonoras midiáticas, permitindo que o público identifique rapidamente um conteúdo ou um veículo apenas por meio da escuta. Para um telespectador que não se encontra inserido no contexto cultural brasileiro, tal som não teria a mesma significação. Assim, do mesmo modo como nas comunidades descritas por Schafer (2012), esses sons passam a integrar a memória coletiva dos ouvintes e participam da construção simbólica do ambiente mediático em que circulam.

A análise da paisagem sonora, nesse sentido, implica compreender como esses diferentes tipos de sons se articulam na constituição de um ambiente acústico e como orientam a percepção e o comportamento dos indivíduos. Com tal prerrogativa, a paisagem sonora não representa apenas um inventário de sons presentes em determinado espaço. Ela, mais precisamente, revela modos de organização da experiência auditiva e formas culturais de escuta.

> A paisagem sonora é qualquer campo de estudo acústico. Podemos referir-nos a uma composição musical, a um programa de rádio ou mesmo a um ambiente acústico como paisagens sonoras. (...). Uma paisagem sonora consiste em eventos *ouvidos* e não em objetos *vistos*. (...). Podemos saber exatamente quantos edifícios foram construídos numa determinada área ao longo de uma década ou qual foi o crescimento da população, mas não sabemos dizer em quantos decibéis o nível de ruído ambiental pode ter aumentado em um período de tempo comparável. Mais que isso: os sons podem ser alterados ou desaparecer e merecer apenas parcos comentários, mesmo por parte do mais sensível dos historiadores. (Schafer, 2012, p. 23-24).

Essa perspectiva torna-se particularmente relevante para o estudo das mídias baseadas no som. Em produções sonoras como programas de rádio ou podcasts, diferentes camadas acústicas são articuladas para construir ambientes narrativos específicos. Trilhas musicais, narrações, efeitos e pausas podem ser compreendidos como elementos que estruturam uma paisagem sonora própria da narrativa, orientando a atenção do ouvinte e modulando sua experiência de escuta.

De tal forma, ao aplicar o conceito de paisagem sonora às narrativas em podcast, podemos notar como a combinação entre diferentes elementos acústicos produz ambientes sonoros que influenciam a forma como os acontecimentos são percebidos e interpretados pelo público. A paisagem sonora deixa de ser apenas um atributo do espaço físico e passa a constituir também um recurso narrativo fundamental na construção das experiências de escuta nas mídias sonoras.

Elementos de análise da paisagem sonora no podcast

As discussões sobre paisagem sonora apresentadas no tópico anterior permitem estabelecer um conjunto de categorias analíticas para observar a organização da escuta nas mídias sonoras. Neste artigo, compreendemos os regimes sonoros como modos de organização da escuta que se manifestam concretamente nas paisagens sonoras das narrativas midiáticas.

Como vimos, Schafer (2012) argumenta que a paisagem sonora corresponde ao conjunto de eventos acústicos que estruturam a experiência auditiva em determinado ambiente. Quando olhamos para as narrativas midiáticas,

é preciso considerar que essa paisagem não surge de forma espontânea. Na verdade, é resultado de processos de construção narrativa. Em produções sonoras como programas de rádio ou episódios de podcast, diferentes camadas acústicas são articuladas de modo deliberado para produzir ambientes sonoros específicos que orientam a percepção do ouvinte.

No campo das mídias, essas dimensões tornam-se particularmente perceptíveis na constituição da linguagem radiofônica. O rádio consolidou-se como um meio cuja narrativa se organiza fundamentalmente na articulação entre diferentes recursos acústicos. Como observa Ferraretto (2014), a linguagem radiofônica estrutura-se a partir da combinação entre voz, música, efeitos sonoros e silêncio, elementos que formam a base expressiva do meio e permitem a construção de narrativas capazes de orientar a experiência de escuta do público. Esses recursos, historicamente compreendidos como suporte técnico da informação, participam ativamente da construção de sentidos da mensagem radiofônica.

A organização desses elementos ocorre em um fluxo temporal específico que caracteriza a narrativa em áudio. No radiojornalismo, a edição consiste justamente em articular, ao longo do tempo, diferentes camadas sonoras que estruturam a atenção do ouvinte. Como observa Hernandes (2006), o processo de montagem relaciona falas, músicas, silêncios, ruídos e efeitos sonoros em posições específicas no fluxo narrativo, produzindo diferentes efeitos de intensidade, proximidade e atenção. A paisagem sonora das narrativas mediáticas, portanto, não se limita à presença de determinados sons, mas resulta da forma como esses elementos são distribuídos ao longo do tempo e articulados na construção da narrativa.

Ao discutir as práticas musicais e sonoras como formas de produção de sentido, Cespedes (2019) sugere que os sons podem ser compreendidos como criadores de esferas de significação nas quais os sujeitos constroem identidades e formas de pertencimento. Nesse sentido, os ambientes sonoros produzidos pelas mídias organizam a experiência perceptiva ao mesmo tempo em que

participam da construção simbólica de espaços narrativos nos quais determinados acontecimentos e personagens ganham forma e significado.

No contexto contemporâneo, essas dinâmicas assumem novas configurações com a expansão das mídias digitais e das plataformas de áudio sob demanda. Nesse cenário, o podcast pode ser compreendido como um desdobramento das práticas radiofônicas em ambiente digital, preservando a centralidade da escuta ao mesmo tempo em que reconfigura os modos de produção, circulação e consumo das narrativas sonoras. Diferentemente da lógica linear da transmissão radiofônica hertziana, o podcast opera em um regime de acesso sob demanda, permitindo que os conteúdos sejam retomados, compartilhados e reinscritos em diferentes contextos de escuta.

Essa transformação altera não apenas os modos de circulação do áudio, mas também as formas de organização narrativa das produções sonoras. Embora mantenha estreita relação com a tradição radiofônica, o podcast consolidou-se como um formato dotado de características próprias. Bonini (2015) observa que sua emergência não representa apenas uma mudança tecnológica na distribuição do áudio, mas a constituição de novos modos de produção, circulação e consumo das narrativas sonoras. A possibilidade de edição mais elaborada e de maior duração dos episódios favorece a construção de narrativas mais complexas, nas quais trilhas musicais, modulações vocais, pausas e efeitos sonoros assumem papel central na condução da escuta. No caso do podcast jornalístico narrativo, essas configurações acústicas passam a integrar as operações por meio das quais os acontecimentos são apresentados e interpretados pelo público.

A escolha pelo podcast como objeto desta pesquisa decorre justamente dessa capacidade de produzir experiências imersivas. Para Kischinhevsky (2017), o podcasting constitui um suporte privilegiado para o radiojornalismo narrativo ao favorecer formas de escuta concentradas e narrativas de longa duração, aproximando-se das grandes reportagens e dos documentários sonoros. O autor observa que esse formato vem desenvolvendo uma linguagem sonora própria,

caracterizada pela serialização, pela valorização dos personagens e pelo emprego de estratégias de desenho de som capazes de envolver o ouvinte.

A partir dessas considerações, torna-se possível operacionalizar a noção de paisagem sonora para a análise das narrativas em podcast. Adotamos, assim, um procedimento de análise qualitativa de caráter interpretativo, baseado na identificação e descrição das camadas acústicas, a saber: voz, música, efeito sonoro e silêncio. Esses aspectos permitem identificar de que modo o podcast estrutura regimes específicos de escuta e orienta a interpretação dos acontecimentos narrados.

Ao considerar esses elementos como dimensões analíticas, torna-se possível compreender como as narrativas em podcast constroem ambientes sonoros próprios que modulam a experiência auditiva do público. Assim, a paisagem sonora não se configura apenas como um atributo do ambiente acústico. Olhamos para ela também como uma ferramenta analítica para investigar as formas pelas quais os acontecimentos são organizados e interpretados nas narrativas jornalísticas em áudio.

A partir das discussões teóricas desenvolvidas, propomos compreender a paisagem sonora dos podcasts narrativos como resultado da articulação entre diferentes camadas acústicas, que operam de forma integrada na organização da experiência de escuta. Para fins analíticos, destacamos quatro dimensões principais: voz, música, efeitos sonoros e silêncio, entendidas como componentes interdependentes da construção narrativa.

A construção da narrativa: voz, música, efeitos sonoros e silêncio

A partir das categorias analíticas delineadas no tópico anterior – voz, música, efeitos sonoros e silêncio –, avançamos para a análise empírica do corpus, buscando observar como essas dimensões se articulam na construção da paisagem sonora em narrativas de podcast jornalístico. Interessa-nos compreender de que modo sua combinação produz efeitos de sentido, organiza regimes de escuta e participa da construção do acontecimento narrado.

Diante disso, conduzimos a análise por meio de uma abordagem qualitativa, tendo como corpus a série *Neymar*, produzida pelo UOL, lançada em 22 de abril de 2025. O podcast é composto por seis episódios, publicados semanalmente, com duração variando entre 35 e 55 minutos. O primeiro episódio, objeto central desta análise, intitulado "Projeto Neymar"[1], possui pouco mais de 44 minutos de duração[2] e apresenta o projeto concebido pelo Santos para transformar Neymar Jr. em um ídolo nacional, ao mesmo tempo em que introduz a figura de Neymar pai como personagem central da narrativa.

Inicialmente, portanto, realizou-se a escuta integral de todos os episódios, seguida de sucessivas reescutas do primeiro episódio, procedimento que permitiu identificar padrões de organização da narrativa sonora. A partir disso, foi elaborada uma decupagem analítica do episódio, segmentando-o em unidades narrativas definidas por mudanças de tema, cena, personagem ou função discursiva. Essa segmentação resultou na identificação de dezessete momentos narrativos (conforme descreveremos adiante) que estruturam o episódio e orientaram a observação sistemática das diferentes camadas acústicas.

Em seguida, cada unidade narrativa foi examinada segundo quatro categorias analíticas derivadas da literatura sobre linguagem radiofônica e paisagem sonora: voz, música, efeitos sonoros e silêncio. Essas categorias não foram tratadas como elementos isolados, mas como dimensões articuladas da paisagem sonora, observadas em sua contribuição para a construção do acontecimento jornalístico. A operacionalização ocorreu a partir dos seguintes critérios:

[1] Os títulos dos episódios apresentam variações conforme o ambiente de distribuição. No YouTube, o primeiro episódio é identificado como "O Projeto Neymar deu certo? | Podcast Neymar #1"; no Spotify, como "#1: Projeto Neymar"; e, na própria narração do episódio, como "Episódio 1: Projeto Neymar". Para fins desta pesquisa, adota-se a identificação "Episódio 1: Projeto Neymar", conforme a denominação utilizada na própria narrativa sonora.

[2] A duração do episódio pode apresentar pequenas variações conforme a plataforma em que está disponibilizado. No YouTube, o primeiro episódio apresenta duração de 44 minutos e 15 segundos, enquanto, no Spotify, a duração indicada é de 44 minutos e 14 segundos. Para fins desta pesquisa, considera-se a versão disponibilizada no YoutTube.

- **Voz:** observaram-se a presença de narradores, entrevistados, registros de arquivo e vozes dramatizadas, considerando aspectos como função narrativa, posição enunciativa, polifonia, ritmo e modulação vocal.
- **Música:** analisaram-se a entrada e saída das trilhas, intensidade, ritmo, recorrência e sua relação com mudanças de atmosfera ou progressão dramática.
- **Efeitos sonoros:** identificaram-se sons de ambientação, transições, ruídos e recursos de reconstrução cênica, observando sua contribuição para a espacialização, a presentificação e a organização da narrativa.
- **Silêncio:** foram considerados momentos de suspensão parcial ou total da trilha, dos efeitos ou da fala, examinando seus efeitos de ênfase, expectativa, segmentação narrativa e reorganização da atenção do ouvinte.

É importante destacar que as referências, ao longo da análise, à atenção, à percepção, ao envolvimento ou à experiência do ouvinte não se baseiam em dados empíricos de recepção. O presente estudo não realizou entrevistas, questionários, testes de escuta ou qualquer outro procedimento destinado a investigar as respostas efetivas dos ouvintes. Tais formulações correspondem, portanto, a inferências analíticas produzidas a partir da materialidade sonora do episódio, considerando a organização das vozes, músicas, efeitos sonoros, pausas e silêncios. Nesse sentido, quando se afirma que determinado recurso “orienta a atenção” ou “produz um efeito” sobre a escuta, trata-se da descrição de uma operação narrativa inscrita no próprio material sonoro e de seus efeitos de sentido potenciais, e não da mensuração de uma resposta efetivamente produzida no público.

Por fim, a interpretação buscou compreender de que maneira essas quatro dimensões, mobilizadas de forma integrada ao longo da narrativa, participam da construção dos regimes de escuta e da produção do acontecimento jornalístico. A proposta passa por evidenciar como a articulação entre diferentes camadas

acústicas estrutura uma narrativa específica, marcada por estratégias de dramatização, construção de personagens e organização da experiência auditiva.

Embora o foco deste artigo recaia sobre os regimes sonoros, é importante reconhecer que, no ambiente digital, podcasts também mobilizam elementos visuais que participam da construção de sentido. Capas de episódios, identidades gráficas e imagens de divulgação funcionam como dispositivos de enquadramento que antecedem a escuta e orientam expectativas interpretativas do público.

No caso da série *Neymar*, a imagem que acompanha todos os episódios apresenta o jogador e seu pai posicionados lado a lado, com expressões sérias e sobre um fundo escuro que reforça uma atmosfera dramática. Em determinado momento da animação da capa, a imagem de Neymar permanece enquanto a do pai se dissolve gradualmente – e vice-versa –, sugerindo visualmente a relação de influência entre ambos na trajetória do atleta. Ainda que a narrativa principal do podcast se construa no plano sonoro, essa configuração visual projeta interpretações possíveis e antecipa o enquadramento da história, demonstrando que a experiência do podcast, no contexto das plataformas digitais, se constitui também na articulação entre materialidades sonoras e visuais.



Figura 1 – Capa do podcast Neymar

Fonte: UOL (2025)

Ao voltarmos o olhar para o plano acústico, a análise do primeiro episódio do podcast *Neymar* evidencia que a paisagem sonora é construída de modo a produzir uma narrativa fortemente dramatizada, na qual os acontecimentos são apresentados como parte de uma trajetória épica. A estrutura do episódio organiza-se de forma progressiva e serializada, articulando momentos de contextualização, dramatização e desenvolvimento narrativo que orientam a experiência de escuta.

O episódio apresenta-se, para fins analíticos, a partir da seguinte sequência, construída a partir da observação do material, uma vez que o podcast não possui intertítulos ou divisões explícitas: (1) Abertura-impacto: onipresença, promessa e retorno de Neymar Jr.; (2) Vinheta, apresentação e entrada dos narradores; (3) Cena fundadora: a reunião do Santander; (4) Formulação da tese do episódio: o Projeto Neymar; (5) Apresentação dos narradores e legitimidade da apuração; (6) Título do episódio e definição do recorte; (7) Ausência de Neymar e centralidade do pai; (8) Entrada da fonte-chave: Eduardo Musa; (9) Contexto esportivo e econômico: talento precoce e pressão europeia; (10) Apresentação do conteúdo do Projeto Neymar; (11) Consolidação do pai como empresário; (12) Ponto de virada dramático: a crise com Dorival; (13) Gestão da crise e tentativa de reparação; (14) Retomada da ascensão: títulos, carisma e paternidade; (15) Renovação contratual e ampliação do poder do pai; (16) Atualização do projeto: retorno ao Santos; e (17) Fechamento com sombra e gancho serial.

Essa organização evidencia uma narrativa que alterna entre exposição, dramatização e inflexão, configurando o episódio como uma trajetória marcada por tensão, desenvolvimento e continuidade, característica das séries documentais em podcast. A partir dessa estrutura, torna-se possível observar como diferentes camadas da paisagem sonora são mobilizadas ao longo do episódio para produzir efeitos de sentido específicos. Nos tópicos a seguir, analisamos de que modo voz, música, efeitos sonoros e silêncio se articulam na construção dessa narrativa, contribuindo para a configuração do acontecimento e para a organização da experiência de escuta.

Voz: narração e construção de sujeitos

A voz ocupa posição central na organização da narrativa sonora em podcasts por exercer a função de emissora de informações e também como instância de enunciação que constrói relações de proximidade, autoridade, análise, etc. A análise dessa dimensão envolve observar aspectos como o roteiro, o ritmo narrativo, o timbre e a modulação da voz do narrador, bem como a forma como sua presença se inscreve no discurso enquanto sujeito.

Além disso, a inserção de vozes de entrevistados, comentaristas e demais personagens contribui para a construção de uma polifonia[3] narrativa. Essas vozes não aparecem de maneira neutra. Elas são selecionadas, editadas e posicionadas de modo a produzir determinados efeitos de sentido, participando da construção dos sujeitos que compõem o acontecimento narrado.

A centralidade da voz nas narrativas em podcast relaciona-se também à capacidade do áudio de estabelecer uma relação de proximidade entre aquele que fala e aquele que escuta. McHugh (2022) destaca a intimidade como uma das características fundamentais do podcasting, associando-a às propriedades temporais do áudio e à materialidade da voz. Diferentemente da comunicação impressa, a escuta ocorre no tempo, acompanhando o fluxo da fala, enquanto a ausência da imagem do interlocutor desloca a atenção para aspectos como timbre, ritmo, entonação e modulação. Nesse processo, a voz não transmite apenas informações verbais, mas também marcas de personalidade, emoção e posicionamento, contribuindo para a construção de uma relação de proximidade com o ouvinte. No podcast jornalístico, essa dimensão torna-se particularmente

[3] O conceito de polifonia, conforme desenvolvido por Bakhtin (2011), refere-se à coexistência de múltiplas vozes em um mesmo enunciado, cada uma portadora de perspectivas, valores e posições discursivas próprias. Trata-se de uma organização discursiva na qual diferentes vozes não são subordinadas a uma única instância de sentido, mas mantêm certa autonomia relativa no interior da narrativa. No contexto dos podcasts jornalísticos, essas vozes não aparecem de maneira neutra. Elas são selecionadas, editadas e posicionadas de modo a produzir determinados efeitos de sentido, participando da construção dos sujeitos que compõem o acontecimento narrado. A polifonia, nesse sentido, não implica apenas diversidade de falas, mas uma forma específica de organização discursiva que articula múltiplos pontos de vista na construção da narrativa.

relevante porque a autoridade da narrativa pode ser construída simultaneamente pela credibilidade da informação e pela presença vocal daquele que a enuncia.

No primeiro episódio do podcast *Neymar*, a organização da voz evidencia essa dimensão polifônica desde os momentos iniciais. A abertura do episódio é marcada pela sobreposição de diferentes vozes – jornalistas, comentaristas e registros midiáticos e de divulgação – que se articulam em um fluxo contínuo. Esse recurso produz um efeito de saturação discursiva, no qual a figura de Neymar é apresentada quase como onipresente no espaço público. Ao reunir múltiplas falas que remetem à sua visibilidade constante, a narrativa constrói o personagem como fenômeno midiático.

Essa construção é reforçada no encerramento da sequência inicial, quando a própria voz de Neymar é inserida afirmando: “eu vou, mas eu volto. Vocês se lembram, né? Pois bem, o Príncipe está de volta” (UOL PRIME, 2025). Retirada do vídeo em que o jogador anuncia seu retorno ao Santos em 2025, essa fala não opera apenas como elemento de reconhecimento, mas como ponto de ancoragem temporal da narrativa. Ao mobilizar um acontecimento recente que motivou a produção do próprio podcast, o episódio estabelece desde o início uma relação direta com o presente, posicionando a história como uma retomada interpretativa da trajetória do jogador a partir de seu retorno ao Brasil. Desse modo, a voz de Neymar funciona simultaneamente como fechamento da montagem inicial e como disparador narrativo, articulando memória, atualidade e expectativa no interior da construção sonora, funcionando, assim, como um “gancho” jornalístico.

As vozes dos narradores, por sua vez, assumem posição de mediação e autoridade interpretativa ao longo do episódio. São elas quem organizam temporalmente os acontecimentos, introduzem personagens e explicitam a tese central da narrativa, como no momento em que apresenta o chamado “Projeto Neymar”. Sua presença não é neutra, uma vez que ao selecionar informações, estabelecer conexões e orientar a progressão da narrativa, os narradores atuam como instância que estrutura o sentido do acontecimento.

Nesse ponto, é possível aproximar essa função daquilo que Foucault (2009) denomina de função-autor. Para ele, a autoria não se reduz à figura empírica de quem produz o discurso, mas corresponde a um princípio de organização que regula sua circulação, delimita interpretações possíveis e confere unidade ao enunciado. No caso do podcast, essa função manifesta-se na forma como os narradores se apresentam e explicitam suas relações com o tema logo no início do episódio, situando-se como sujeitos implicados na narrativa. Ao fazerem isso, trazem um tom de legitimação e também estabelecem um regime de leitura (ou, neste caso, de escuta), orientando o modo como o ouvinte deve compreender os acontecimentos narrados.

Esse movimento torna-se evidente no momento em que os narradores se apresentam e explicitam suas trajetórias e posições em relação ao tema. Ao introduzir sua experiência de mais de uma década cobrindo a família Neymar, bem como o acervo de documentos reunidos ao longo desse período, Pedro Lopes legitima sua autoridade enquanto repórter, além de inscrever-se diretamente na narrativa como sujeito implicado na construção do acontecimento.

> Eu sou Pedro Lopes, repórter do Núcleo de Reportagens Especiais do UOL. Cubro a família Neymar desde 2012. Durante boa parte desses anos, eu mantive uma boa relação com o Neymar pai. Fui algumas vezes ao seu escritório em Santos e visitei o Instituto Neymar Júnior, na Praia Grande, a convite dele. Desses encontros, o que não sai da minha memória é o celular dourado e o caráter, digamos, obstinado do pai de Neymar. O aparelho, que não parava de tocar, exigia que ele tomasse decisões sobre as dezenas de campanhas, contratos e negócios envolvendo o filho. Enquanto isso, ele me contava que jamais permitiria que sua família retornasse à pobreza. Para mim, sempre foi muito claro que o seu Neymar é um cara que toma decisões em prol de si mesmo e da sua família, a qualquer custo. Nesses 13 anos, eu reuni mais de 6 mil páginas de documentos e entrevistas que mostram em detalhes os aspectos mais íntimos e desconhecidos da carreira do craque. Um acervo inédito, que revela como o Neymar Júnior virou uma máquina de fazer gols e dinheiro. E como por trás de todos os troféus, milhões na conta e polêmicas, estava um piloto que conduziu seu filho ao estrelato (UOL PRIME, 2025).

De modo semelhante, Juca Kfouri mobiliza sua trajetória no jornalismo esportivo para sustentar uma leitura crítica do jogador, afirmando simultaneamente seu reconhecimento do talento de Neymar e sua frustração

quanto ao papel de liderança que não se concretizou. Essa dupla inscrição – biográfica e interpretativa – evidencia um procedimento recorrente em podcasts narrativos contemporâneos, no qual o jornalista deixa de ocupar uma posição de exterioridade para assumir uma presença explícita no interior da história.

Além da narração e das vozes jornalísticas, o episódio mobiliza ainda um recurso específico que intensifica a dimensão polifônica: a dramatização por meio de atores. Como anunciado pelos narradores, diálogos e interações são reconstruídos com vozes encenadas, que dão forma a situações passadas. Esse procedimento desloca a narrativa de uma lógica exclusivamente informativa para uma forma híbrida, na qual o acontecimento é também performado. As vozes encenadas ilustram os fatos e contribuem para construir cenas, produzir tensão e inserir o ouvinte em uma experiência mais imersiva.

Outro aspecto relevante diz respeito à forma como as vozes dos personagens são organizadas na narrativa. A recorrência de falas associadas ao pai de Neymar, por exemplo, contribui para posicioná-lo como figura central na condução da trajetória do jogador. Ao distribuir determinadas vozes ao longo do episódio e reiterar sua presença em momentos-chave, a narrativa constrói hierarquias entre os sujeitos envolvidos, destacando alguns como protagonistas e outros como complementares.

Nesse sentido, os entrevistados também desempenham papel fundamental na construção da credibilidade e da progressão narrativa do podcast. Suas falas funcionam como operadores de autenticação do acontecimento, conferindo à narrativa um efeito documental. Ao mesmo tempo, essas vozes são organizadas de maneira estratégica ao longo do episódio, ocupando funções específicas na construção da trajetória de Neymar.

Eduardo Musa, por exemplo, aparece como testemunha privilegiada dos bastidores do chamado “Projeto Neymar”, legitimando informações sobre negociações, estratégias de imagem e decisões empresariais. Especialista em marketing, ele foi um dos profissionais escolhidos pelo Santos para conduzir o Projeto Neymar. Sua recorrência ao longo do episódio produz um efeito de

proximidade com os acontecimentos narrados, reforçando a ideia de acesso a uma dimensão interna e pouco conhecida da trajetória do jogador. Já personagens como Elano, ex-jogador de futebol e amigo de Neymar, surgem associados à humanização do jogador, enfatizando aspectos de convivência, carisma e dedicação nos bastidores. Em contraste, vozes de comentaristas, dirigentes e registros midiáticos relacionados às crises do jogador contribuem para reforçar momentos de tensão, conflito e desgaste público.

Desse modo, a organização das entrevistas evidencia que a polifonia do podcast não se limita à multiplicidade de vozes, mas envolve uma distribuição funcional dessas falas na estrutura narrativa. Os entrevistados participam da construção de atmosferas, da legitimação dos acontecimentos e da definição dos lugares simbólicos ocupados pelos personagens na narrativa.

Nesse sentido, a polifonia observada no podcast implica, além da presença de múltiplas vozes, uma forma específica de organização discursiva que seleciona, hierarquiza e articula essas vozes na construção do acontecimento. A voz, portanto, atua como dispositivo de configuração narrativa, responsável por estruturar o regime de escuta e orientar a forma como o ouvinte reconhece e interpreta os sujeitos envolvidos na história.

Música: condução afetiva e organização do ritmo

A música participa da estruturação da narrativa sonora, atuando, por exemplo, na abertura e no encerramento dos episódios e também como trilha de fundo (background) ao longo da narração. Além disso, existem diversas outras possibilidades de uso. Sua função ultrapassa o caráter decorativo, operando, dentre outras formas, como elemento informativo, de condução afetiva e de organização do ritmo narrativo.

No rádio e no podcast, a trilha sonora contribui para a construção de atmosferas que orientam a percepção do ouvinte, modulando intensidades, marcando transições e produzindo efeitos de tensão, expectativa, humor, resolução de conflitos, etc. Nesse sentido, devemos compreender a música como

componente ativo na produção de sentido, articulando-se aos demais elementos acústicos na configuração da paisagem sonora. Ou seja, não se trata de um elemento acessório.

É possível aproximar essa perspectiva das formulações de Chion (1994), para quem o som exerce um papel de "valor acrescentado" sobre a experiência perceptiva, entendido como "o valor expressivo e informativo com o qual um som enriquece uma imagem" (Chion, 1994, p. 5). Ainda que desenvolvido no contexto do audiovisual, esse conceito permite compreender como, nas narrativas sonoras, a trilha musical atua na organização da escuta, atribuindo tonalidades afetivas e estruturando a percepção temporal dos eventos narrados.

A análise dessa camada envolve observar momentos de entrada e saída da trilha, variações de intensidade, mudanças de ritmo e cortes abruptos, bem como sua relação com momentos-chave da narrativa. A música pode intensificar tensões, sinalizar transições e produzir atmosferas específicas, orientando a forma como o ouvinte experiencia o acontecimento.

No primeiro episódio do podcast "Neymar", a música assume uma função estruturante ao acompanhar grande parte da narrativa de forma contínua como uma trilha de fundo (background). Diferentemente de uma utilização pontual ou meramente ilustrativa, a trilha opera como base sobre a qual a narração se desenvolve, criando uma sensação de progressão e continuidade.

Além disso, a principal trilha utilizada mobiliza elementos recorrentes de composições de caráter cinematográfico, com camadas instrumentais sustentadas, progressões harmônicas em tonalidades menores e variações graduais de intensidade. Esses recursos contribuem para a produção de uma ambiência marcada por tensão e expectativa, frequentemente associada a narrativas de conflito ou trajetória.

A presença recorrente aliada às variações de intensidade ao longo do episódio contribui para a construção de uma atmosfera dramática, na qual os acontecimentos são apresentados como parte de um percurso marcado por disputas, inflexões e momentos de ascensão. Desse modo, a música participa

ativamente da construção de uma leitura do acontecimento como trajetória épica, orientando a escuta para uma experiência de envolvimento e antecipação.

Nesse sentido, vale destacar as variações de intensidade que acompanham momentos-chave da narrativa. Em passagens que envolvem conflito – como a crise com o técnico Dorival Júnior[4] –, observa-se uma intensificação da música, que reforça a dramaticidade da situação e orienta a escuta para a percepção daquele evento como ponto de inflexão.

Além disso, a música atua como marcador de transições, sinalizando mudanças de tema, de tempo ou de foco narrativo. Entradas e saídas da trilha, bem como cortes mais abruptos, funcionam como recurso de reorganização da atenção na escuta, contribuindo para a segmentação da narrativa. Esses movimentos evidenciam que a música participa diretamente da montagem sonora, articulando-se ao fluxo temporal do episódio.

Ao longo de todo o podcast, notamos que a música desempenha papel fundamental na condução emocional do público. Ao intensificar determinados momentos, sustentar outros e marcar passagens narrativas, a música contribui para a construção de uma atmosfera dramática, na qual a trajetória do jogador é apresentada como uma sequência de eventos significativos e interligados. A configuração dos regimes de escuta ocorre com a orientação do ritmo da narrativa e também das formas de envolvimento do ouvinte com o acontecimento. Ao modular emoções e destacar momentos específicos, a trilha sonora escolhida participou ativamente da construção interpretativa da história, evidenciando que a paisagem sonora do podcast se constitui como um espaço de produção de sentido e não apenas de transmissão de informações.

Efeitos sonoros: ambientação e marcação narrativa

[4] O atrito ocorreu em setembro de 2010, durante uma partida do Campeonato Brasileiro entre o Santos e o Atlético-GO. O jogador, então com 18 anos, insistiu em cobrar um pênalti. O técnico Dorival Júnior ordenou que o batedor oficial, Marcel, fizesse a cobrança, o que irritou profundamente Neymar. O jogador demonstrou insatisfação, discutiu com companheiros e bateu boca de forma acintosa com o treinador.

A construção de ambientes e a marcação de ações e transições dentro da narrativa têm, nos efeitos sonoros, um de seus principais operadores expressivos. Ruídos, encenações, cliques, teclas e outros elementos podem conferir materialidade às cenas narradas e orientar a percepção do ouvinte quanto ao espaço, ao ritmo e à dinâmica dos acontecimentos. Eles operam como elementos de significação que participam da construção do acontecimento, ao produzir sensações de proximidade, realismo ou dinamismo à narrativa.

No primeiro episódio do podcast *Neymar*, um dos momentos mais emblemáticos nesse sentido é a reconstrução da reunião realizada em uma sala do banco Santander, apresentada como ponto de partida do chamado "Projeto Neymar". Nessa sequência, a narrativa mobiliza sons ambientes que sugerem um espaço corporativo, como ruídos discretos de sala, movimentações e presença de vozes de interlocutores. Esses elementos, que se encontram em um volume mais baixo em comparação às vozes dos narradores, produzem um efeito de espacialização que insere o ouvinte no interior da cena, conferindo materialidade a um acontecimento que, de outra forma, seria apenas relatado. Nesse processo, os efeitos sonoros operam como dispositivos que dão corpo à narrativa, contribuindo para a construção de uma sensação de presença e para a intensificação da dimensão dramática do episódio.

Além disso, efeitos sonoros mais pontuais – como cliques, manuseio de papéis, toques de telefone, transições e ruídos breves – atuam como marcadores para conferir percepções de proximidade com o ouvinte, colocando-o na cena do acontecimento. Esses recursos funcionam como operadores de presentificação, pelo qual a ação é apresentada como se se desenrolasse no momento da escuta. Ao utilizar esses recursos, o podcast reduz a distância temporal entre o acontecimento narrado e a experiência do ouvinte, criando um efeito de imersão. Dessa forma, o passado não aparece apenas como algo relatado retrospectivamente, mas como uma cena reconstruída sonoramente no presente da narrativa. Os efeitos sonoros, nesse contexto, contribuem para transformar

informações em experiências acústicas, reforçando o caráter sensorial do episódio.

No podcast *Neymar*, também se observa o uso recorrente de efeitos sonoros que operam como marcadores narrativos, sinalizando mudanças de tema e reorganizações no foco da narrativa. Um exemplo ocorre na transição entre a explicação sobre a reunião que articulou o Projeto Neymar e a introdução do primeiro entrevistado. Ao afirmar que "é impossível contar a história do Neymar e do Neymar pai sem entrevistar o Eduardo Musa", Pedro Lopes prepara a passagem para um novo eixo narrativo. Em seguida, um breve efeito de transição marca essa inflexão, funcionando como elemento de corte que separa blocos discursivos. Após esse recurso, o narrador contextualiza o entrevistado e introduz a sonora com seu depoimento, evidenciando como os efeitos sonoros participam da organização do fluxo narrativo e da orientação da escuta. Esses elementos contribuem para a segmentação do episódio e para a orientação da atenção do ouvinte, funcionando como operadores de montagem sonora.

Esse funcionamento pode ser compreendido à luz do que observa Hernandes (2006, p. 107), ao destacar que, no rádio, a impossibilidade de o ouvinte prever a sequência dos acontecimentos faz com que cada mudança no fluxo narrativo seja percebida como uma espécie de surpresa. Ou seja, "cada mudança, cada imposição de uma descontinuidade tira partido dessa renovação que é sentida pelo ouvinte como uma pequena surpresa". Nesse sentido, os efeitos sonoros sinalizam transições, mas também atuam como dispositivos que reativam a atenção, introduzindo rupturas controladas no fluxo narrativo e mantendo o ouvinte engajado na escuta.

Além dessas variações de ambiência, observa-se a recorrência de determinados efeitos sonoros associados a momentos de tensão ou controvérsia na trajetória do jogador. Em situações que envolvem conflitos, polêmicas ou decisões controversas, a narrativa mobiliza padrões sonoros específicos que se repetem ao longo do episódio. Essa padronização contribui para a construção de

uma leitura desses acontecimentos como pontos de inflexão na narrativa, nos quais a trajetória do jogador é reconfigurada sob uma chave de tensão e conflito.

Soma-se a isso o fato de que houve também o uso de efeitos sonoros associados ao universo esportivo, especialmente em momentos que remetem à atuação de Neymar em campo. Há, por exemplo, trechos de reportagens com sons de torcida e ambiências típicas de estádio mobilizados para situar o ouvinte no espaço do jogo. Diferentemente da ambiência mais controlada da reunião corporativa, esses sons produzem uma sensação de expansão espacial e de energia coletiva, reforçando a dimensão pública e midiática do personagem. Ao acionar esse tipo de paisagem sonora, o podcast contextualiza a trajetória esportiva do jogador e também constrói uma experiência sensorial que aproxima o ouvinte do ambiente do futebol, contribuindo para a presentificação desses momentos na escuta.

Esses são apenas alguns exemplos de como os efeitos sonoros não devem ser compreendidos como meros complementos da narração. Eles agem como dispositivos que participam da construção do acontecimento. Nesse sentido, podem produzir ambiências, encenar situações e marcar transições, contribuindo para estruturar a experiência de escuta e reforçar a dimensão narrativa e sensorial do podcast, o que evidencia o caráter construído (e não apenas relatado) dos eventos apresentados.

Silêncio: suspensão, ênfase e outros sentidos

O silêncio, frequentemente negligenciado, constitui uma dimensão fundamental da paisagem sonora. Sua presença não deve ser compreendida como ausência. Trata-se, na verdade, de um recurso expressivo que atua na significação e organização da escuta.

A análise do silêncio envolve observar pausas na narração, interrupções da trilha sonora ou suspensão de efeitos acústicos, que podem produzir efeitos de ênfase, tensão ou reflexão. Em determinados momentos, como na apresentação de personagens ou informações sensíveis, o silêncio funciona como dispositivo de

intensificação, destacando elementos específicos da narrativa e orientando a atenção do ouvinte.

Em relação ao podcast que representa nosso objeto de análise, esse recurso torna-se evidente em momentos de apresentação de personagens e inflexões narrativas. Um exemplo significativo ocorre na introdução de Neymar pai, quando a narração é seguida por uma breve pausa que suspende a trilha sonora e os efeitos, isolando a informação e conferindo maior peso à sua enunciação. Essa interrupção do fluxo sonoro produz um efeito de destaque, sinalizando ao ouvinte a centralidade daquele personagem na narrativa.

No momento da reunião no Santander, já mencionada anteriormente, Juca Kfouri afirma que "estavam lá Luiz Álvaro de Oliveira Ribeiro, o Laor, presidente do Santos, Armênio Neto, executivo de marketing do Santos, Wagner Ribeiro, agente de Neymar, e a estrela da sala... Neymar... da Silva Santos... o pai de Neymar" (UOL PRIME, 2025). Nos trechos indicados pelas reticências, observamos a inserção de pausas que interrompem o fluxo da enunciação.

Esses momentos de silêncio operam de forma estratégica ao explorar a ambiguidade do nome compartilhado entre pai e filho. Ao anunciar "a estrela da sala", a expectativa construída é a presença do jogador. No entanto, a sequência pausada – que fragmenta a identificação do nome – desloca progressivamente essa expectativa até revelar que se trata do pai. O silêncio, nesse caso, enfatiza a informação e, principalmente, estrutura um efeito de suspense e reorientação da interpretação. Dessa forma, a pausa não funciona como mera interrupção. Trata-se de operador narrativo que organiza o tempo da revelação e intensifica o impacto da informação, contribuindo para a construção da centralidade do pai na condução da trajetória de Neymar.

Além de operar como mecanismo de ênfase, o silêncio também atua na construção de expectativa. Ao interromper a continuidade sonora, ele cria um intervalo de antecipação que prepara o ouvinte para a sequência narrativa. O silêncio marca uma pausa, mas também funciona como operador temporal que

organiza a progressão do discurso, estabelecendo ritmos e modulando a intensidade da escuta.

Essa dinâmica pode ser compreendida em articulação com a lógica de montagem das narrativas sonoras, na qual a alternância entre presença e ausência de som contribui para a produção de sentido. Assim como os efeitos sonoros introduzem cortes e transições, o silêncio opera como forma de ruptura controlada, reorganizando a atenção e intensificando determinados momentos da narrativa.

Após a introdução que enfatiza a importância do pai de Neymar, Juca Kfouri afirma que "ao seu lado, uma poltrona vazia chamou a atenção dele. Ele perguntou". Na sequência, a narrativa recorre à encenação, por meio de atores, para reconstruir o diálogo: "Armênio, a gente está esperando mais alguém?" (Neymar Pai), "Não... essa cadeira está vazia porque ela foi ocupada pelo último ídolo que o Brasil teve... E o nome dele era Ayrton Senna. Agora, ele está vazia de novo esperando o próximo ídolo do Brasil, que é o seu filho... Neymar" (UOL PRIME, 2025).

Notamos, novamente, que a inserção de pausas fragmenta a progressão da fala e instauram um ritmo mais lento e solene na enunciação. Elas criam intensificação simbólica, destacando cada informação apresentada. Ao evocar o nome de Ayrton Senna de forma pausada, a narrativa constrói um efeito de monumentalização, atribuindo peso histórico e emocional à referência. Em seguida, a repetição do mesmo padrão de pausas na projeção de Neymar como "o próximo ídolo do Brasil" estabelece uma relação direta entre os dois nomes, reforçando a construção simbólica de continuidade e sucessão. Nesse contexto, o silêncio atua como operador de solenidade e expectativa, organizando a revelação de forma gradual e conferindo maior impacto à associação proposta. As pausas estruturam o efeito retórico da cena, contribuindo para a construção de uma narrativa que eleva o jogador à condição de herdeiro de um legado nacional.

Desse modo, o silêncio, longe de representar um vazio, constitui um elemento ativo na construção do acontecimento. Ele pode suspender, destacar,

antecipar e construir os mais diversos sentidos, a depender do contexto em que é utilizado. Assim, ele participa da configuração dos regimes de escuta e evidencia que a produção de sentido nas narrativas em podcast se dá tanto pelo que é dito quanto pelas pausas que estruturam a experiência auditiva.

Considerações finais

O presente artigo partiu da problematização do primado da visão nas tradições ocidentais para propor um deslocamento analítico em direção às práticas de escuta, compreendendo o som como dimensão constitutiva da produção de sentido no jornalismo. Ao investigar o papel dos regimes sonoros na construção do acontecimento em podcasts jornalísticos narrativos, buscou-se evidenciar que a experiência do real, mediada pelo áudio, não se limita à transmissão de informações. Ela envolve processos complexos de organização sensorial e discursiva.

A partir do diálogo com os estudos das mídias sonoras e com o conceito de paisagem sonora, argumentou-se que a escuta deve ser compreendida como prática historicamente situada, estruturada por convenções culturais e mediada por tecnologias. Nesse contexto, o podcast emerge como formato que intensifica a centralidade do som, ao articular diferentes camadas acústicas – a saber: voz, música, efeitos sonoros e silêncio – na construção de narrativas que orientam a percepção do acontecimento.

A análise da série *Neymar* permitiu observar como esses elementos operam de maneira integrada na produção de sentidos. A voz, ao articular diferentes instâncias enunciativas, constrói uma narrativa polifônica que organiza hierarquias entre personagens e propõe modos de interpretação do acontecimento na escuta. A música, por sua vez, atua como dispositivo de informação e também de condução afetiva, estruturando o ritmo narrativo e, no caso analisado, contribuindo para a construção de uma atmosfera dramática.

Os efeitos sonoros evidenciam o caráter construído e mediado da narrativa, ao produzir ambiências, marcar transições e atuar como operadores de

presentificação do acontecimento. Já o silêncio, longe de representar ausência, configura-se como recurso expressivo que organiza o tempo da narrativa, produzindo diferentes efeitos de sentido. Em conjunto, esses elementos evidenciam que a paisagem sonora se configura como um atributo técnico e estético, mas, sobretudo, como dimensão central na construção do acontecimento jornalístico.

Ou seja, a análise das diferentes dimensões acústicas evidencia que a paisagem sonora do podcast não resulta da simples justaposição de elementos isolados, mas da articulação dinâmica entre voz, música, efeitos sonoros e silêncio. Esses componentes operam de forma interdependente, estruturando ritmos, modulando intensidades e organizando a progressão narrativa ao longo do episódio. Em conjunto, portanto, essas camadas acústicas configuram uma paisagem sonora que participa ativamente da construção do acontecimento.

No caso do podcast *Neymar*, essa articulação contribui para a construção de uma narrativa marcada por forte dramatização da trajetória do jogador. A combinação entre trilhas musicais de caráter tenso, pausas estratégicas, efeitos de ambientação e uma narração orientada interpretativamente produz a leitura de uma carreira atravessada por expectativas, promessas e inflexões. Ao mesmo tempo, a recorrência de vozes e situações que destacam a atuação do pai de Neymar contribui para sua centralização como agente decisivo na condução dessa trajetória, frequentemente associado à dimensão estratégica e econômica do "projeto". Nesse sentido, a paisagem sonora constrói a trajetória do jogador sob a tensão entre potencial e realização, entre projeção e desfecho ainda em aberto.

Diante do exposto, buscamos contribuir para ampliar as discussões sobre jornalismo e mídia sonora ao propor uma abordagem que considera o som como elemento estruturante da narrativa, e não como suporte secundário da informação. Ao evidenciar o papel dos regimes sonoros na organização da experiência auditiva, aponta-se para a necessidade de incorporar a escuta como dimensão analítica central nos estudos de jornalismo contemporâneo. Por fim, sugerimos que futuras investigações possam explorar outros formatos e contextos de produção sonora,

bem como aprofundar a análise da paisagem sonora, especialmente em ambientes digitais marcados pela circulação, repetição e reconfiguração contínua dos conteúdos em áudio.

Bibliografia

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

BONINI, Tiziano. **The "second age" of podcasting**: reframing podcasting as a new digital mass medium. Quaderns del CAC, Barcelona, v. 18, n. 41, p. 21-30, 2015.

CESPEDES, Fernando Garbini. **Ser sonoro:** histórias sobre músicas e seus lugares. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2015.

CHION, Michel. **Audio-vision:** sound on screen. New York: Columbia University Press, 1994.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio:** teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos II**: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GIOIA, Ted. **Work songs**. Durham: Duke University Press, 2006.

HERNANDES, Nilton. **A mídia e seus truques**: O que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

MCHUGH, Siobhán. **The power of podcasting:** telling stories through sound. New York: Columbia University Press, 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. *Anais do* Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Paulo: SBPJor, 2017.

QUÉRÉ, Louis. **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento.** Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p.59-75, 2005.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo**: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente – a paisagem sonora. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

STERNE, Jonathan. **O passado audível**: origens culturais da reprodução sonora. Tradução de Virgínia de Almeida Bessa et al. Música Popular em Revista, Campinas, v. 7, e020001, 2020.

UOL PRIME. **O Projeto Neymar deu certo? | Podcast Neymar #1**. YouTube, 22 abr. 2025. 44 min. 15 s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Nl_8IuGWqw&list=PLWgivY7fJz-f5XXV-hCU2MB88sdKXDmT5&index=1. Acesso em: 14 set. 2026.